



Ministério da educação
Universidade Federal de Alfenas. UNIFAL-
MG

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 . Alfenas/MG . CEP 37130-000



Disciplina: Fonética e Fonologia
Docente: Taise Simioni
Discentes: Gabrielle Barbara Januário
Matrícula: 2022.1.45.008

Texto de divulgação científica a ser publicado no espaço “letras para todos”.

Tá com fome de fonética?

A fome de sons é uma das piores coisas que alguém pode sentir. Pode parecer estranho e inusitado, mas é isso mesmo que você acabou de ler, e, para que essa fome seja sanada, te convido a continuar por aqui, para que você entenda sobre o que eu estou falando. As palavras são formadas, na escrita, por letras e, na fala, por fones, que são os sons que ouvimos quando pronunciamos qualquer tipo de coisa. Isso mesmo, os fones estão presentes em todas as palavras, por exemplo, a palavra “tia” possui três letras - “t”, “i”, “a” - e também possui três fones - [t], [i], [a]. Você conseguiu notar que, apesar da quantidade de letras e fones ser a mesma, sua representação é totalmente diferente? Isso acontece, pois o fone [t], que é representado pela letra “t”, possui duas formas distintas de ser pronunciado.

A primeira forma é [t], como um som seco e direto, como se fosse uma explosão. Exemplos dessa forma estão nas palavras “telhado” e “toalha”. Já a segunda maneira é [tʃ], como um som parecido com um chiado ecoando da nossa boca, como se fosse um sussurro. Exemplos dessa maneira estão nas palavras “tinta” e “tiro”. Uma curiosidade sobre o [tʃ] é que ele geralmente se realiza quando a vogal seguinte for “i”. Interessante, né? Porém, é preciso tomar cuidado: apesar da maioria do nosso Brasilzão falar dessa maneira chiando, quando pronunciam “tijolo”, por exemplo, nem todos os lugares aderem a essa maneira. Há diversas localidades que só utilizam o [t] seco.

Sei que, assim como eu, você ficou impressionado com esse fenômeno, mas também ficou com uma pulga atrás da orelha com o seguinte questionamento: “Por que não aprendemos isso na escola?”. E eu terei o prazer de [tʃ] = te responder essa questão, com uma única frase: “A escola está preocupada em ensinar letras e não está preocupada em ensinar sons, ou seja, a escola parece muito mais preocupada com a escrita do que com a oralidade”. Simples, não é?

Infelizmente não! Os alunos, desde pequenos, se desenvolvem e aprendem a falar a partir das coisas que ouvem, a partir dos sons, e isso ocorre de maneira totalmente inconsciente. Na escola, eles precisam refletir sobre como esses sons funcionam, pois, além de ser muito importante para sua formação, eles podem compreender por que falam assim, transformando seu conhecimento dos sons da língua (que antes era inconsciente) em algo consciente e instigante. Saber diferenciar um som [t] de “temporal” de um som [tʃ] de “tjara” ajuda os estudantes a compreenderem o mundo em que vivem e suas diversas vertentes e variações, além de entenderem a infinidade de possibilidades que a fala nos proporciona.

Na disciplina de Língua Portuguesa, poderiam ser incluídos exercícios lúdicos, para que os alunos começassem a ter noção de como as palavras são ditas, visto que eles, como

falantes da língua, já sabem sobre isso, mas não têm consciência disso. Uma atividade interessante seria uma viagem pelas línguas do Brasil, em que o professor apresentaria as variedades faladas por cada estado e depois disso ele faria uma atividade com os alunos explorando essas variedades. Ele poderia mostrar as diferenças na realização do [t], por exemplo.

Nós, como sociedade, devemos ajudar as nossas crianças, pois, além da responsabilidade da escola, podemos fazer a nossa parte também, ajudando e ensinando aos pequenos as variações da língua e como os sons podem ser muito mais interessantes e importantes do que imaginamos. Por meio dessas intervenções, os adultos do amanhã não passarão pela fome de sons, como eu e você tivemos o azar de passar.